

PROJETO DE VIDA E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CURRÍCULO ESCOLAR: NEOLIBERALISMO, DESIGUALDADES E MODOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

MARCIO CAETANO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
mrvcaetano@gmail.com

ANA GABRIELA DA SILVA VIEIRA
EMEF SANTA TERESINHA
ags.21@hotmail.com

JOSE RODOLFO LOPES DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
jrodolfoledes@hotmail.com

Introdução do problema

Nos últimos anos, reformas curriculares no Brasil têm incorporado discursos vinculados ao empreendedorismo, à autonomia individual e à construção de projetos pessoais. Nesse contexto, o município de Pelotas (RS) instituiu, a partir de 2023, os componentes curriculares Projeto de Vida e Educação Empreendedora nos anos finais do Ensino Fundamental, orientados por documentos alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com legislações locais voltadas à promoção da cultura empreendedora na escola.

Esse movimento insere-se em transformações mais amplas nas políticas educacionais contemporâneas, nas quais a educação é mobilizada para formar sujeitos capazes de gerir a própria vida e desenvolver competências para o mercado de trabalho. Tais mudanças articulam-se à racionalidade neoliberal, que valoriza a iniciativa individual, a competitividade e a responsabilização pessoal pelo sucesso ou fracasso.

Diante desse cenário, questionamos: de que maneira os currículos, materializados nos componentes Projeto de Vida e Educação Empreendedora, incorporam — ou



invisibilizam — marcadores sociais de diferença, como gênero, sexualidade, raça, classe e capacidade física? A problematização torna-se ainda mais relevante quando se considera que as trajetórias estudantis são atravessadas por desigualdades estruturais relacionadas a marcadores que condicionam as possibilidades de projetar o futuro. Partindo dessas inquietações, o estudo analisa documentos curriculares do município de Pelotas, especialmente o Documento Orientador e os Planos de Ensino das duas disciplinas, elaborados pela SMED. A análise, inspirada na perspectiva foucaultiana, busca compreender como tais discursos produzem regimes de verdade sobre o sujeito estudante, o empreendedorismo e a construção de projetos de vida.

Desenvolvimento

A análise evidencia que a inserção das disciplinas de Projeto de Vida e Educação Empreendedora no currículo se articula a uma racionalidade educacional orientada pelo mercado. Os documentos destacam competências como liderança, criatividade, autonomia, planejamento e resolução de problemas, incentivando os/as estudantes a construir trajetórias individuais bem-sucedidas.

Essa abordagem se aproxima do conceito de *homo oeconomicus* discutido por Foucault (2022), no qual o sujeito é compreendido como empresário de si mesmo, responsável por gerir seus recursos pessoais, investir em seu capital humano e transformar suas capacidades em vantagens competitivas. Assim, o projeto de vida torna-se um empreendimento individual que depende do desenvolvimento de competências e da capacidade de autogestão. Como argumenta Wendy Brown (2019), o neoliberalismo opera como uma racionalidade que redefine a cidadania em termos de empreendedorismo e responsabilização individual. No entanto, essa lógica tende a obscurecer as desigualdades estruturais. Os currículos analisados pouco consideram fatores como racismo, desigualdade econômica ou discriminação de gênero e sexualidade que condicionam as trajetórias dos/as estudantes, reforçando uma lógica meritocrática.

No componente **Educação Empreendedora**, não há referência explícita a marcadores de diferença. O currículo assume implicitamente que todos possuem condições semelhantes para empreender e construir projetos de futuro, o que ignora as múltiplas desigualdades. O componente **Projeto de Vida** apresenta um escopo mais amplo. Seus objetivos incluem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, reflexão sobre o mundo do trabalho e discussões relacionadas a direitos humanos,



diversidade e sustentabilidade. Em alguns momentos, o documento menciona explicitamente a necessidade de promover respeito às diferenças, incluindo diversidade étnico-racial e de gênero. Contudo, mesmo nesses casos, as referências à diversidade aparecem de forma genérica e pouco aprofundada.

A ausência de orientações pedagógicas mais explícitas pode resultar em abordagens superficiais que não enfrentam as desigualdades concretas vividas por mulheres, pessoas LGBTI+¹, pessoas negras ou estudantes com deficiência. Assim, os discursos sobre diversidade correm o risco de serem incorporados de maneira simbólica ou retórica, sem promover uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que produzem exclusão.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz das análises de autores como Dardot e Laval (2016), que apontam para a expansão da racionalidade neoliberal como uma “nova razão do mundo”. Nessa lógica, dimensões da vida social passam a ser organizadas segundo princípios de competição, desempenho e empreendedorismo. A educação, nesse cenário, torna-se um espaço privilegiado de produção de subjetividades alinhadas às demandas do mercado.

Ao mesmo tempo, a presença de referências à diversidade e aos direitos humanos nos documentos curriculares sugere uma tentativa de conciliar discursos progressistas com a lógica neoliberal. Essa combinação pode resultar em uma espécie de apropriação institucional da diversidade, na qual valores como inclusão e respeito são incorporados ao currículo sem necessariamente desafiar as estruturas que produzem desigualdade.

Dessa forma, os currículos analisados revelam tensões entre diferentes projetos de educação. De um lado, observa-se a valorização do empreendedorismo, da autonomia individual e da responsabilização pessoal. De outro, aparecem referências à cidadania, à diversidade e aos direitos humanos. A coexistência desses discursos evidencia disputas em torno dos sentidos da educação e do papel da escola na formação dos sujeitos.

Nesse sentido, a articulação entre empreendedorismo e projeto de vida não apenas orienta práticas pedagógicas, mas também delimita formas específicas de imaginar o futuro, produzindo expectativas normativas sobre o que significa ser um/a estudante bem-sucedido/a. Tal enquadramento tende a privilegiar trajetórias alinhadas a padrões hegemônicos de desempenho e produtividade, ao mesmo tempo em que marginaliza experiências que escapam a esses referenciais.



Conclusões

A análise do Programa Curricular das ofertas “Projeto de Vida” e “Educação Empreendedora” no município de Pelotas evidencia a presença de uma racionalidade neoliberal. Os documentos enfatizam o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo, à autonomia individual e à gestão de si, promovendo a formação de sujeitos capazes de planejar e administrar suas próprias trajetórias. Entretanto, essa abordagem apresenta limites ao não considerar desigualdades estruturais que atravessam as trajetórias dos/as estudantes.

Enquanto o componente de Educação Empreendedora praticamente ignora essas questões, o currículo de Projeto de Vida menciona a diversidade de forma genérica, sem oferecer diretrizes claras para o enfrentamento das desigualdades sociais. Como resultado, a inclusão da diversidade no currículo pode ocorrer de maneira superficial, sem promover transformações efetivas nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a análise aponta para a necessidade de ampliar o debate sobre as implicações das reformas curriculares contemporâneas. Mais do que incorporar discursos sobre empreendedorismo e projeto de vida, é fundamental que as políticas educacionais reconheçam as condições sociais desiguais que moldam as trajetórias dos estudantes.

A escola, como espaço de formação cidadã, pode desempenhar um papel importante na problematização dessas desigualdades e na promoção de perspectivas educativas comprometidas com a justiça social e o reconhecimento das diferenças. Para isso, torna-se necessário questionar criticamente as racionalidades que orientam as políticas curriculares e abrir espaço para práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade das experiências humanas.

Referências

ALVES, A.; KLAUS, V.; LOUREIRO, C. B. Do sonho à realização: pedagogia empreendedora, empresariamento da educação e racionalidade neoliberal. *Educação e Pesquisa*, v. 47, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.



- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Planta, 2004.
- MACEDO, E. Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 3, 2017.
- SEFFNER, F. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na educação básica. *Práxis Educativa*, v. 15, 2020.
- VIEIRA, A. G. S.; CAETANO, M. Como se projetam vidas diferentes? Um olhar para o currículo de Projeto de Vida e Educação Empreendedora no município de Pelotas-RS. *Educação: Teoria e Prática*, v. 34, n. 68, 2024.

ⁱ A sigla é usada para representar diferentes identidades relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. Cada letra corresponde a um grupo: L – Lésbicas, G – Gays, B – Bissexuais, T – travestis, transexuais e transgêneros, I – Intersexo, e + que indica outras identidades e orientações que não estão explicitamente na sigla.

